

SEMINÁRIO SOBRE “DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO, TENDÊNCIAS ATUAIS E DECORRÊNCIAS PARA OS TRABALHADORES”.

Julho 1993

(resumo)

Sumário

Apresentação-----	03
Introdução-----	02
1) Apanhado histórico do desenvolvimento tecnológico e das lutas dos trabalhadores no capitalismo -----	04
2) Atuais tendências do capitalismo e dos avanços tecnológicos-----	05
3) Decorrências para os trabalhadores-----	06
4) As escolas operárias, seus desafios e seus métodos para enfrentá-los-----	11
5) Decisões e encaminhamentos-----	12
6) Avaliação do seminário-----	13

APRESENTAÇÃO

Este é o relatório do seminário **DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO, SUAS TENDÊNCIAS E DECORRÊNCIAS ATUAIS**, realizado no Rio de Janeiro em julho de 1993, entre Escolas de Educação Operária.

Na recuperação das discussões, procurou-se organizar os argumentos, desafios e propostas surgidas no seminário de modo a que pudessem ser resgatadas pelos participantes do mesmo bem como comunicadas ao conjunto da equipe de cada escola e a outras pessoas igualmente interessadas no tema.

Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1993.

INTRODUÇÃO

A Iniciativa

O seminário foi promovido pelo **Conselho de Educação Operária**, constituído pelas seguintes escolas:

AST – Ação Social Técnica

Situada no Lindéia, bairro de Belo Horizonte - MG, que há 15 anos realiza cursos de aprendizagem profissional nas áreas da mecânica e eletricidade.

CADTS – Centro de Aprendizagem e Desenvolvimento Técnico Social

Situado no bairro de São Mateus, município de São João de Meriti – RJ, Baixada Fluminense, que desde 1983 realiza cursos nas áreas da mecânica e eletricidade.

CTC – Centro de Trabalho e Cultura

Situado no bairro dos Coelhos centro de Recife – PE, que há mais de 20 anos realiza cursos nas áreas da mecânica e eletricidade.

Nova Piratininga

Situada no centro de São Paulo – SP, que realiza atualmente cursos supletivos profissionalizantes de 1º grau nas áreas da mecânica e eletricidade, em convênio com a rede escolar da Prefeitura.

Essas escolas têm como objetivo realizar cursos de aprendizagem profissional que viabilizem aos trabalhadores uma apropriação crítica da tecnologia (teoria e prática), uma experiência concreta de democracia e solidariedade dentro da escola, um fortalecimento da sua participação nas lutas e movimentos dos trabalhadores. Os cursos são destinados a operários e jovens filhos de trabalhadores. Algumas escolas vêm promovendo também cursos pré-profissionalizantes para “meninos e meninas de rua” e cursos de educação básica.

A CAPINA – Cooperação e Apoio Projetos de Inspiração Alternativa e o SAPÉ – Serviços de Apoio à Pesquisa em Educação foram convocados por essas escolas para a constituição do Conselho e, desde então, vêm apoiando e participando das suas atividades

Pequeno Histórico

Em 1989, essas escolas se reuniram num seminário com o objetivo de retomar a troca de experiências que, durante alguns anos, haviam mantido entre si. Neste seminário, aprofundou-se a discussão de uma proposta de educação operária na qual foram explicitados pontos de referência comuns, respeitando-se a autonomia de cada escola. Tendo em vista dinamizar e reforçar a viabilização dessa proposta, os participantes do seminário decidiram ainda constituir-se num Conselho de Educação Operária.

Desde então, entre outras atividades, foram realizados dois seminários – um em setembro/1990 (Belo Horizonte - MG), outro em junho/1992 (Nova Iguaçu – RJ) – nos quais se trabalhou a fundo a questão da “formação política” realizada nas escolas participantes do Conselho. Seja pela importância dessa questão na educação operária, seja pela preocupação de não dissociar a “formação política” da “formação tecnológica”, seja ainda pela busca de criar alternativas metodológicas que não signifiquem o repasse de conhecimentos e de certezas teóricas acabadas, o fato é que os seminários têm possibilitado um aprofundamento da questão em termos muito concretos para todos, bem como um aprimoramento dos seus processos pedagógicos.

Tanto é assim que o seminário de junho/92 apontou a necessidade – urgência! – de equacionar e esclarecer bem mais a fundo uma problemática intimamente associada à própria “formação política”: o atual desenvolvimento da tecnologia, suas tendências, suas decorrências para os trabalhadores e suas implicações para as escolas operárias.

Para trabalhar esse tema, foi marcado o seminário de que trata o presente relatório.

Preparação do Seminário

A CAPINA e o SAPÉ assumiram a responsabilidade de selecionar subsídios que ajudassem a situar melhor, nos dias de hoje (1993), a problemática da tecnologia.

Nesse sentido, foi montada uma coletânea de textos sobre o “Desenvolvimento Tecnológico e Tendências Atuais”, enviada a todas as escolas. Nesses documentos encontram-se informações e pontos de vista sobre as principais tendências tecnológicas em várias áreas da produção e da organização do trabalho, bem como sobre as suas decorrências e desafios econômicos, políticos e sociais no “primeiro” e no “terceiro mundo”.

O objetivo não era o de que esses textos fossem discutidos no seminário, e sim de que, sendo lidos por todos, servissem como preparação das discussões.

Realização

O seminário foi realizado nos dias: 16 a 18 de julho de 1993

Local: Colégio Assunção – Rio de Janeiro – RJ

Participantes:

- AST – Belo Horizonte - MG
- CADTS – S. João de Meriti – RJ
- CTC – Recife - PE
- Escola Piratininga – São Paulo – SP
- Colégio Metalúrgico – Sindicato dos Metalúrgicos – Rio de Janeiro
- Sinttel – Sindicato de Trabalhadores em Telecomunicações /Rio de Janeiro – RJ
- CEAS – Centro de Estudos e Ação Social – Salvador – BA
- CERIS/COPPE-UFRJ – Rogério Valle – Rio de Janeiro - RJ
- CUT nacional – Secretaria de Política Sindical – Sebastião Lopes Neto – São Paulo – SP
- CAPINA – Rio de Janeiro – RJ
- SAPÉ – Rio de Janeiro – RJ

No total, foram 24 participantes.

A pauta das discussões para o seminário resultou da conjugação entre as propostas apresentadas previamente por todas as escolas participantes do CET:

- 1) Apanhado histórico do desenvolvimento tecnológico e das lutas dos trabalhadores no capitalismo
- 2) Atuais tendências:
 - do capitalismo internacional

- dos países do 3º mundo
 - dos avanços tecnológicos
 - ao nível internacional
 - ao nível nacional
 - aos níveis regionais
- 3) Decorrências para os trabalhadores:
- Situação dos trabalhadores na sociedade
 - Novos desafios à organização dos trabalhadores
 - Novos métodos de produção e organização dos trabalhadores na fábrica
 - Educação operária e cidadania
- 4) As escolas Operárias e seus métodos de enfrentamento em relação a:
- processos de automação/saber operário
 - organização dos trabalhadores
 - novas formas de luta
 - novas formas de trabalho
 - profissões/remanejamento
 - tempo ocioso

RELATÓRIO DAS APRESENTAÇÕES E DISCUSSÕES

1. APANHADO HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E DAS LUTAS DOS TRABALHADORES NO CAPITALISMO

Na apresentação do tema – seguida de debates – Xico Lara destacou os seguintes pontos:

- 1) Em contrário ao que normalmente se diz, prefiro pensar que nos locais da Europa onde ocorreu o feudalismo, uma primeira ruptura com o mundo feudal tenha se dado nos séculos XII, XIII, com a reativação das cidades e a criação dos burgos. Mas não por este fato simplesmente, como se poderia imaginar, e sim pelo estabelecimento, nessas cidades e burgos, de normas de convivência entre as várias corporações de ofícios, inclusive a dos comerciantes, gestando-se nelas uma proposta embrionária de autonomia social.
- 2) Os comerciantes, porém, sorrateiramente, vão quebrando aos poucos esse ainda recente costume de igualdade. E ao longo dos séculos XIII, XIV e XV, insistem em juntar trabalhadores para, sob sua ordens, produzirem artigos de comércio contra os tratos e o direito então estabelecidos. As corporações lutam bravamente (na Inglaterra e na Holanda especialmente) contra essas tentativas de dominação do trabalho pelos comerciantes.
- 3) Os comerciantes, por fim, fazem aliança com os reis, de quem ganham não só proteção contra os nobres, como também a permissão legal de estabelecerem oficinas de produção sob seu domínio. As manufaturas, até então clandestinas e combatidas, se estabelecem legalmente, competindo com as oficinas dos artesãos. (Manufaturas de alfinetes e agulhas, fios e tecidos, etc, cujas máquinas, em muitas delas, vão sendo tocadas por rodas d'água).
- 4) No século XVII, na Inglaterra, o cerco das terras – que agora passam a ser fonte de renda – expulsa os servos para as cidades. Revoltados, eles vão engrossar a luta dos trabalhadores nas cidades onde são obrigados a vender barato sua mão de obra ou, senão, a perambular pelas estradas atrás de qualquer sustento.

- 5) Com o domínio do uso do carvão mineral na produção do ferro fundido e a descoberta e utilização da máquina a vapor, no século XVIII, se estabelece a produção industrial. Os operários, no entanto, mantêm sob seu controle o desempenho do trabalho para o qual são contratados, mesmo que de modo geral sob um duro regime de opressão e de enorme exploração.
- 6) As lutas operárias, que não cessaram desde a luta das corporações contra os comerciantes, se desenvolvem e crescem ao ponto da formulação de um projeto social: o socialismo. Tendo que lutar contra a antiga nobreza e a burguesia ascendente, os operários chegam por mais de uma vez ao poder, na França, no século XIX, trazendo ânimo e inspiração ao movimento.
- 7) O grande investimento em novas invenções, na segunda metade do século XIX, culmina numa 2ª revolução industrial, com a expansão do capitalismo na Europa e com o neo-colonialismo no resto do mundo. Os mercados são dominados pelo Imperialismo - grandes conglomerados industriais e financeiros que controlam mercados internacionais sem nenhuma possibilidade de concorrência.
A virada do século XIX para o século XX é marcada pela eletricidade, pela produção dos aços especiais e outras ligas metálicas e pelo uso do petróleo que pouco a pouco se intensifica. A organização do trabalho “avança” com o Taylorismo – a divisão e o controle das tarefas feitas pela administração das fábricas e não mais sob o domínio dos operários – e com o Fordismo – linhas de produção.
- 8) Se os partidos operários, fundados em quase todos os países da Europa ao final do século XIX, vão sofrer um terrível baque com a degeneração do Partido Social-Democrata alemão na 1ª Guerra Mundial (1914 a 1918), a história dos operários russos, quase ao final desta guerra (1917), vai representar um sopro para o movimento operário internacional e as propostas dos Conselhos Operários, surgidas da Comuna de Paris em 1871. No entanto, as lutas operárias, com o avanço do século, vão sendo manietadas pelas razões do Estado e da massacrante burocracia autoritária da União Soviética, e pelas contra-marchas da guerra fria.
- 9) A rebelião dos anos 60 e 70, inspiradas nas lutas pela descolonização, especialmente a revolução cubana, a revolução cultural chinesa e a derrocada americana no Vietnã resultaram na reposição do projeto socialista e no aprofundamento da crítica ao capitalismo, significando um avanço nas lutas sociais de um modo geral.
- 10) O capitalismo responde com alto investimento na pesquisa científica e o uso de novas tecnologias como a micro - eletrônica e a biotecnologia. Em decorrência, a expansão das comunicações e a rapidez do processamento das informações criam um mundo que tem na intercomunicabilidade sua principal característica. Quanto ao trabalho, novas formas de organização se consolidam sob o nome de Toyotismo, terceirização, etc. Suas características fundamentais: incorporação da qualidade como valor máximo a cada etapa do processo, conceito de cliente permeando todo o sistema empresarial, busca de maior qualificação profissional e estrutura organizacional flexível, baseada em equipes autônomas de trabalho.(Ver artigo de José Ricardo Ramalho, Terceirização e Prática Sindical, na revista Tempo e Presença nº 269, pg.36, citando artigo de Gláucia M. V. Vale, Terceirização e Competitividade – in Rumos, RJ, setembro - outubro/1992).
- 11) As conseqüências sociais para os trabalhadores são desastrosas. A diminuição dos postos de trabalho e o conseqüente desemprego vão aos poucos criando uma situação que poderia se caracterizar como de “apartheid” social. As contradições sociais se ampliam perdendo assim sua definição mais clara, o que tende para uma diluição dos conflitos. Isto é, à questão de classe somam-se as de gênero, idade, etno-culturais, etc, e acirra-se o corporativismo por toda a sociedade. O que nos coloca muitas interrogações para o próximo século XXI.
- 12) Do ponto de vista das transformações do Estado. Se o poder na Idade Média estava nas mãos da Igreja e dos nobres, a aliança dos reis com a burguesia vai criar o Estado

Absolutista (séc. XVII). No entanto, consolidados os seus interesses, os burgueses não precisavam mais dos reis, estabelecendo então as Democracias Burguesas (Séc.XIX). Em resposta à crise do capitalismo, depois da 1ª Guerra Mundial, surgem os Estados Neo-Capitalistas, com características mais ou menos ditatoriais, conforme a situação de cada país. Por sua interferência na economia – Estado responsável por indústrias de base e pelos serviços públicos – vai ser esta a forma de Estado adotada na reconstrução dos países após a 2ª Guerra Mundial. À sombra dos Estados Neo-Capitalistas, antigos grupos econômicos se tornam grandes conglomerados internacionais que vão receber o nome de multi ou transnacionais. Uma vez que esses Estados Nacionais hoje são débeis e lentos diante do poder real e agilidade dessas corporações, estas passam a enfraquecê-los ainda mais com a política do neo-liberalismo (privatização e diminuição do Estado, etc). Ao mesmo tempo, os maiores mercados do mundo vão se compondo em três blocos econômicos (América do Norte, Europa e os chamados Tigres Asiáticos), largando de mão a imensa maioria dos habitantes do globo terrestre.

- 13) Uma última observação: esta sobre o dinheiro. Aparentemente sempre idêntico em sua função de equalização de valores, o dinheiro não se mostra assim tão idêntico sempre, todo o tempo. Não vamos falar do dinheiro no mundo antigo. Vamos começar pela forma do escambo, na Europa medieval. Vamos trocar 1kg de sal por uma faca: usos diversos se equivalem na troca. Passemos à frente, quando se cunhavam moedas de metais diversos. Neste caso se estabelece o metal como equivalente de troca para usos diversos.

Já se escolhermos entre os metais o ouro, e o estabelecemos como padrão por suas qualidades específicas (incorruptibilidade, etc), estamos estabelecendo um valor (pretensamente) absoluto, equivalente a qualquer mercadoria. Esta forma de dinheiro prevaleceu enquanto o ouro foi usado como lastro, ou valor guardado, representado pelas notas de papel de cada Estado. Em 1943, em Breton Woods (Estados Unidos), a moeda americana - o dólar - passou a servir de padrão. Em 1971, Nixon suspendeu definitivamente a conversibilidade do dólar em ouro. Temos então uma moeda padrão (padrão de papel), o dólar, com correspondência para todas as moedas, tornando-as conversíveis entre si.

Temos assim uma mercadoria (perfeitamente fictícia) cambiável por qualquer mercadoria outra.

Com a entrada em cena dos computadores, estamos vendo cada vez mais o papel moeda ser substituído pelo padrão magnético que cada vez mais corresponde a crédito – de alguma forma bancado pela garantia da propriedade ou pelo menos da proximidade com o capital, valendo para isso inclusive o emprego – cambiável por consumo.

Finalizando, temos assistido à capacidade das classes dominantes em criar formas de dinheiro, as mais diversas - essas aqui descritas e muitas outras – e à incapacidade de pensarmos em criar formas de dinheiro que atendam aos dominados. Como se o dinheiro, ao invés de linguagem objetiva, fosse o próprio capital, diabólico portanto. Da mesma forma que imaginamos o comércio como domínio do capitalismo e nele não colocamos as mãos. Ora, tanto a produção, como o comércio, como o dinheiro, existiram antes do capitalismo e, certamente, sobreviverão a ele, podendo ser imaginados e concretizados das formas as mais diversas.

2. ATUAIS TENDÊNCIAS DO CAPITALISMO

Para a apresentação desse tema – também acompanhada de debate – Rogério Valle preparou, selecionou e projetou algumas “transparências” reproduzidas também em fichas digitadas.

3. DECORRÊNCIAS PARA OS TRABALHADORES

Dando seqüência aos debates anteriores, o que segue é resultado de trabalhos em grupo e em plenário.

Questão 1: Situação dos trabalhadores na sociedade.

A indústria se “descasou” das massas. Em conseqüência, quem está na indústria hoje tem um outro papel social. Qual? Corporativo?

Mão-de-obra barata não é mais necessária para aumentar os lucros do capital.

O que temos atualmente é uma situação na qual a maioria da população está excluída da produção e do consumo. O que significa, para um trabalhador, a “solução” do seguro-desemprego? Receber para não trabalhar?... E qual é o consumo possível com um seguro-desemprego minguaado e pago apenas durante 4 meses como é o caso do Brasil?

As alternativas de sobrevivência que estão surgindo, umas mais numerosas, outras menos, são:

- pedir esmolas
- “virações” que vão desde vender amendoim até as diversas modalidades de camelô
- formação de micro-empresas, muitas vezes inscritas na linha da terceirização
- roubos e contravenções
- iniciativas de associação entre trabalhadores para uma produção autogestionária

Significa tudo isso que o capitalismo está em crise? Qual a sua força e a sua fraqueza hoje?

Sua fraqueza é ser um sistema que “dá certo” para poucos e elimina a grande maioria da população – o que equivale, em nossos dias, a mais de dois terços da humanidade.

Sua fraqueza continua sendo também a de depender da força de trabalho para poder operar. Só que ele transforma essa fraqueza em sua força na medida em que coopta os trabalhadores que emprega, seja integrando-os em sua estratégia empresarial, seja pela ameaça do desemprego.

Assim a força desse sistema é a sua capacidade de se instalar e ramificar no coração das pessoas. Sua racionalidade e eficiência aparecem como um bem inquestionável que deve ser conquistado por todos.

Para enfrentar essa força é preciso saber se confrontar e dialogar criticamente com ela, impedindo a sua instalação na vida, nas relações, no pensamento e nas motivações das pessoas. Por exemplo, gerar propostas sociais alternativas à busca do lucro como bem acima de qualquer coisa não é buscar a socialização do capital, e sim acabar com a concepção de que tudo é capital, até a terra.

Questões 2 e 3: Novos desafios à organização dos trabalhadores.

Novos métodos de produção e organização dos trabalhadores na fábrica.

Fato inegável hoje é a redução dos trabalhadores na indústria e a existência de uma imensa maioria de excluídos. Isso leva a pensar em novas formas de luta. Apontamos, por exemplo:

- A necessidade de uma maior interpenetração entre as lutas das diversas categorias, quebrando o corporativismo.
A terceirização, por exemplo, coloca diferentes categorias dentro de uma mesma fábrica. Como trabalhar por uma luta conjunta?

- O movimento sindical não vai absorver quem está fora da fábrica. Ou seja, o sindicato hoje representa uma minoria. E os excluídos, são representados por quem? As próprias escolas profissionais, não estão trabalhando com essa minoria?
- Greve está ficando complicado. Há o medo de perder o emprego. A mesma coisa acontece com as assembleias, o pessoal não vai. O embate direto está ficando difícil, não dá para ser a única forma de luta, mesmo porque os capitalistas, muitas vezes, acabam até tirando vantagens das greves.

Nós nos habituamos a só trabalhar o confronto. Mas hoje, onde está o confronto? Parece que o embate se desloca de dentro das quatro paredes da fábrica para toda a trama das relações sociais, englobando todos os explorados e oprimidos. Assim, a questão é muito mais das relações. Quer dizer, seria preciso por exemplo, as categorias se aproximarem não apenas entre si, mas também da população. Só uma nova rede de relações entre todos os explorados e oprimidos será capaz de encontrar novas formas de luta.

- De fato, a maior parte da população está diante de impasses numa dimensão de profundidade e de extensão até hoje desconhecida. Surgem novas formas de pobreza urbana e rural, novas alternativas de sobrevivência. As mudanças conferem novos modos de vida. Não se trata apenas de não necessitar mais de mão-de-obra barata, mas também de um tremendo barateamento da mão-de-obra empregada. O crescimento do mercado informal, mais do que amortecer a crise, revela o seu lado mais perverso. E assim estão mudando as condições de sociabilidade. Por exemplo, o cartão de crédito introduz uma diferença social entre quem tem e quem não tem acesso a ele. Até mesmo apresentar a nota fiscal de uma compra feita é provar que se participa do mercado, do consumo....

Tudo isso coloca novas questões ao movimento sindical. Modifica-se o tipo de trabalhador e aumenta o número de trabalhadores que não são passíveis de sindicalização. Surgem novos desafios para a relação entre o movimento sindical e a sociedade. Por exemplo, hoje uma greve dos metalúrgicos influi menos na vida social urbana do que uma greve do pessoal da limpeza pública.

Entre as novas formas de luta, foram apontadas também as alternativas de sobrevivência nas quais trabalhadores se associam numa experiência de produção autogestionária. A esse respeito, surgiram diferentes pareceres e pontos de vista:

- Até que ponto esse tipo de experiência influi na transformação do sistema? Qual é o peso da influência do próprio capitalismo nessas experiências?
- As alternativas de produção associada e autogestionárias são experiências sobretudo educativas.

Elas correm o risco de se fecharem em si mesmas e deixarem de lado a questão da formação de lideranças no movimento dos trabalhadores.

- No século XIX, os trabalhadores chegaram a apontar um projeto social alternativo porque dominavam as relações sociais da época. Hoje essas relações nos escapam, são muito mais complexas – seja a tecnologia, seja o mercado, sejam as transações financeiras, ... Basta citar, por exemplo, a tremenda capacidade da burguesia para inventar novas formas de moeda. E todo esse dinheiro de papel que a gente usa vai sempre cair nas mãos dos grandes grupos financeiros.

Se a gente não domina de alguma forma as relações sociais de nossa época não dá para se pensar num projeto alternativo de mudança. Neste sentido, é importante construir experiências diversificadas, que nos possibilitem conhecer e interferir no conjunto das relações sociais. Por exemplo, produção, comércio e dinheiro não são coisas, em si

mesmas, capitalistas. São relações muito antigas na história. Por que não ousamos pensar em começar a construí-las de forma diferente?

- Seria preciso trabalhar não apenas a luta na fábrica, mas também a luta por uma nova forma de nos sustentarmos. Isso ajuda a reforçar a luta por uma sociedade diferente.

Questão 4: Educação e cidadania

Como pano de fundo, algumas questões:

- a) Qual o papel do Estado com relação à educação e, mais especificamente, às escolas profissionais.

E qual a nossa posição frente ao Estado? Reivindicar escolas regulares? SENAI? Ou o que?

- b) Qual o sentido de nossas escolas? Qual o seu papel?

Em nosso trabalho, é fundamental o incentivo que damos à participação, à criatividade, à autonomia, à iniciativa, ao raciocínio dos trabalhadores nossos alunos. Tudo isso corresponde, hoje, às exigências da nova cultura técnica que as empresas tendem a adotar. Significa então que nosso trabalho se encaixa como uma luva no que o capitalismo quer?

- c) Em nossas escolas, trata-se de modernizar os equipamentos segundo o ritmo e o nível de modernização das empresas?

- d) Como trabalhar com os excluídos?

Essas questões foram discutidas em grupo e plenário. Segue uma síntese das discussões:

Escolas profissionais e Estado

- O trabalho de formação profissional que fazemos não é reconhecido pelo Estado, nem pelos professores do ensino regular e nem pelos sindicatos.

É preciso lutar para que o trabalhador seja reconhecido como capaz de gerir a sua educação. Qual é o órgão que poderia representá-lo nesse caso? Começar a pensar e a conversar isso com os sindicatos, com os professores em geral, com as Prefeituras.

Procurar uma união maior com outras escolas profissionais semelhantes, com outros movimentos sociais, com todos os interessados numa nova proposta de formação profissional.

- Seria bom repensar a questão do público e do estado, a fim de chegarmos a uma nova concepção de espaço público. Nossas escolas, por exemplo, são públicas mas não estatais.

O fato de chegarmos a reivindicar a responsabilidade do Estado na sustentação dessas escolas não significa querer torná-las estatais.

- Devemos ampliar a discussão sobre formação profissional no Brasil e sobre a política de distribuição dos recursos públicos nessa área.

- Somos escolas públicas ou privadas? Algumas escolas, entre nós, cobram uma taxa que viabiliza a sustentação dos trabalhos. Nossa proposta, contudo, não é a do ensino privado. E aí?
- Formação profissional é obrigação do Estado?
- Será que o Estado, enfraquecido como é hoje, se disporia a apoiar escolas de formação profissional geridas pelos trabalhadores?

O sentido de nossas escolas

- Deveríamos pensar nossas escolas para além do Estado, como algo que é bom para a população.

A questão é nos indagarmos: nossas escolas devem se conectar ou interagir com quem? Com quais atividades? Poderíamos dizer que o sentido das nossas escolas é interagir:

- com a fábrica mas não só;
- com grupos de produção autogestionária;
- com outros grupos do movimento popular (ex.: mutirões de construção de casa, “meninos e meninas de rua” etc.);
- com pequenos produtores rurais

Esse tipo de interação ou conexão já vem sendo ativado em várias escolas. E é bom que exista independentemente do Estado.

- Nossos alunos se encaixam como uma luva nas novas exigências da modernização empresarial? Sem dúvida, preparamos os trabalhadores para a indústria. E agora as empresas industriais vão se aproveitar também de tudo aquilo que os trabalhadores desenvolvem em nossas escolas – criatividade, participação, iniciativa, capacidade de expressão, raciocínio?

Acontece que o que nós fazemos tem um sentido diferente. Nossa perspectiva não tem nada a ver com reforçar o lucro do capital. Mesmo que o trabalhador tenha ou tenda a ter hoje maior espaço de participação e decisão na fábrica, nossa perspectiva é que ele tenha uma crítica de tudo isso.

- O sentido de nossas escolas é formar profissionais ampliando o horizonte dos seus conhecimentos gerais e incentivando-os a pensar criticamente a situação atual, a própria tecnologia e a exclusão social que tudo isso gera. Pensar e decidir não só na seção ou no chão da fábrica, mas no geral da vida, em qualquer lugar e situação em que estejam.
- O sentido das escolas é ainda aprofundar a sensibilidade e a solidariedade concreta – tanto nas relações dentro da escola, da fábrica, da família, da comunidade, como nas relações com aqueles chamados de excluídos.

Modernização de nossas escolas

- Temos que modernizar os equipamentos de nossas escolas sim. Capacitar-se é adquirir uma ferramenta política.

Os monitores também têm que se capacitar nas novas tecnologias. E, da mesma maneira, os cursos devem ser atualizados a essas tecnologias.

- No que se refere à relação entre a escola e o avanço tecnológico, a questão não é tanto mantê-la equipada com o maquinário mais moderno, e sim proporcionar uma

aprendizagem que dê condições (bases) para os trabalhadores seguirem acompanhando os desenvolvimentos tecnológicos. Esse é o critério que deve orientar a própria modernização do equipamento de cada escola.

Como trabalhar com os excluídos

- Apesar do tema dos excluídos ter sido considerado um dos mais fundamentais hoje – tanto assim que foi um dos mais discutidos ao longo de todo o seminário – a questão específica do trabalho com os excluídos não chegou a ser mais aprofundada.

4. AS ESCOLAS OPERÁRIAS, SEUS DESAFIOS E SEUS MÉTODOS PARA ENFRENTÁ-LOS

Os desafios atuais das escolas, tendo em conta as discussões anteriores, foram explicitados em grupos, por escola. Os métodos para enfrentá-los foram discutidos em plenário.

Segue um apanhado das discussões em plenário sobre os **métodos de enfrentamento dos desafios**

- a) Foi proposto que os métodos de enfrentamento dos desafios levassem em conta o sentido das escolas profissionais apontado pelas discussões anteriores, e que foi resumido da seguinte maneira:

- 1º) Papel do Estado com relação às escolas profissionais.
Definir mais claramente essa questão. Embora ninguém aqui desconheça o papel do Estado, vê-se a importância de escolas profissionais autônomas em relação ao Estado uma vez que ele hoje não cobre todas as dimensões do “público”. Isso significa uma nova visão de espaço público.
- 2º) As novas formas de organização da produção provocaram mudanças no perfil da classe operária. Frente a isso, e em decorrência da nova visão de espaço público, há interesse na discussão do alargamento das relações das escolas com outras iniciativas, trabalhos e lutas locais (experiência autogestionária de produção ou de prestação de serviços, “meninos e meninas de rua”, prefeituras, etc) – e não apenas com os trabalhadores de fábrica.
- 3º) Necessidade de introduzir a informática nas escolas – o que requer a construção de estruturas de apoio.

Reconheceu-se que essa síntese não pretende expressar um consenso prematuro do grupo, e sim apontar temas a serem retomados e aprofundados com vistas a contribuir para a explicitação de uma proposta de escola capaz de responder à situação atual dos trabalhadores.

- b) No que se refere à questão do papel do Estado, decidiu-se reforçar a proposta apresentada pelo Neto, da Secretaria de Política sindical da CUT – Nacional. Essa proposta deu início a um processo de aproximação/ discussão entre escolas profissionais de sindicatos e as escolas operárias vinculadas ao Conselho. Pretende-se com isso resgatar o acúmulo de muitos anos de trabalho com educação operária, de modo a contribuir na discussão e formulação, por parte da CUT, de uma política relativa à educação pública. Política que contemple a formação para a cidadania e para o trabalho, bem como a utilização pública (desprivatização) de recursos que são públicos. Sendo que o Neto já havia elaborado o documento “Contribuição para a definição de uma política de formação da CUT”, distribuído aos participantes do seminário que ainda não o tinham.

- c) Sobre a introdução da informática na Escola, abordou-se mais especificamente a questão do computador e das possíveis maneiras de adquiri-lo e usá-lo.
- d) Entre os métodos de enfrentamento dos desafios, incluem-se ainda as decisões amarradas no final do encontro e descritas a seguir.

5. DECISÕES E ENCAMINHAMENTOS

- Fortalecer o inter- relacionamento entre as escolas através de correspondência e visitas mútuas.

Sugeriu-se que essas visitas poderiam ser precedidas, por parte da escola visitante, da preparação de perguntas a serem investigadas junto aos monitores da escola visitada.

- Realizar um novo seminário para dar continuidade e aprofundar o tema discutido nesse encontro. Isso foi considerado fundamental para um maior entendimento político e crítico do assunto. Houve uma sugestão para se dar ênfase à questão da relação entre mudanças tecnológicas e lutas sociais; onde se situam os campos de embate hoje?

Decidiu-se que o seminário será realizado no primeiro semestre de 1994, aproveitando-se o feriado de 21 de abril.

Recomenda-se ainda que se aproveite essa oportunidade para visitar as escolas situadas no local de realização do seminário.

- Envio de documentos que viabilizem a continuidade, em cada escola, do estudo e da discussão sobre esse mesmo tema.
- Quanto ao tema "Trabalho com adolescentes", já indicado pelas escolas do Conselho de Educação Operária para um próximo seminário, houve a seguinte sugestão:
 - Amadurecer, em cada escola, as questões relativas a esse assunto. Buscar a ajuda de pessoas com mais experiência no trabalho com adolescentes, para já ir aprofundando uma reflexão a nível da própria escola.
 - Trocar informações entre as escolas, por escrito, a respeito do que estão fazendo e refletindo.
 - Um seminário sobre o tema deve reunir as escolas que realmente trabalham com adolescentes e/ou que se interessem pela sua discussão conjunta.
 - Estreitar as relações diretas entre escolas situadas num mesmo município ou região.
- Sistematizar a experiência das escolas ligadas ao Conselho, com vistas a divulgar as suas reflexões e realizações.

6. AVALIAÇÃO DO SEMINÁRIO

A avaliação foi feita através de depoimentos individuais, que podem ser assim agrupados:

1. Quanto aos temas discutidos

- “O seminário cumpriu uma função importante do ponto de vista do aquecimento das discussões que estão surgindo sobre os temas que trabalhamos aqui. Isso me faz voltar com novas integrações”....
- “Experiência importantíssima, pelas discussões e pelas decisões tomadas”.
- “Super importante a discussão sobre tecnologia e modernização. Daqui saímos com mais informações”.
- “Discussão muito sugestiva neste seminário, mas ainda pouco aprofundada, é a da relação entre tecnologia e lutas sociais em nossos dias: onde é que se dá o campo de embate hoje? As tramas sociais se complexificam e as lutas também”.
- “Para onde está indo a classe operária? As discussões ajudaram a enxergar melhor essa questão e apontaram caminhos para o nosso trabalho”.
- “Foram discutidas questões essenciais para a vida das escolas, que repercutem também no chão das empresas e em todo o movimento operário”.
- “Ajudou muito o fato do encontro ter apontado os riscos do corporativismo hoje. Mais do que nunca os problemas e desafios sociais não podem ser pensados e enfrentados apenas do ponto de vista de categorias de trabalhadores”.
- “Em certos momentos do encontro, transpareceu como que uma certa reserva às organizações já instituídas, como sindicato, CUT, etc. Não haverá nisso um risco de paralelismo?”
- “Foi importante vermos as conseqüências da tecnologia moderna. A preocupação em não ficarmos para trás deve ser também preocupação com os excluídos”.
- “Grande ganho que eu levo desse seminário foi a abertura de cabeça para a questão “automação x excluídos”.

2. Quanto à preparação

- “Os documentos de preparação ao seminário possibilitaram enxergar realidades novas”.
- “A leitura do material previamente enviado a cada escola foi uma importante preparação para as discussões aqui”.
- “Textos muito interessantes”.
- “Na escola, a equipe preparou-se para o seminário debatendo os documentos”.

3. Outros depoimentos

O seminário foi considerado um momento importante de aproximação entre as escolas sindicais e as escolas do Conselho.

No entanto, um dos presentes criticou o número de participantes considerando-o pequeno e instável por parte das escolas próximas à cidade do Rio de Janeiro, levantando a questão da importância do Conselho.

Outro depoimento valorizou o entrosamento entre todos os participantes e as conversas nos intervalos onde se trocou experiências “até sobre os trabalhos de cada um em sala de aula”.